

|                      |                    |      |                  |                                                                                     |
|----------------------|--------------------|------|------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| CLIPPER BOOK MIRANDA |                    |      |                  |  |
| MEDIA                | O JORNAL ECONÓMICO |      |                  |                                                                                     |
| Nº PAG.              | 28                 | DATA | 30 dezembro 2016 |                                                                                     |

## 28 ESPECIAL 2017



**Agostinho Pereira de Miranda**  
Sócio fundador da Miranda & Associados

No final do ano de 2015, poucos poderiam prever o que se passou em 2016. Do Brexit à eleição de Donald Trump, não têm faltado surpresas no ano que agora acaba. O mesmo vai acontecer certamente em 2017. Quando se fala do futuro, a única coisa certa é a incerteza. Mas há uma afirmação que se pode fazer com mediana segurança: os acontecimentos políticos internacionais de 2016 tornaram ainda mais incerto o nosso futuro coletivo.

Os riscos de base são, já de si, elevados. Mas os sistemas complexos em que assenta a nossa vida quotidiana tendem a multiplicar os efeitos de pequenas falhas do sistema e assim potenciar até à catástrofe as consequências de qualquer erro ou engano menores. Um tweet com a palavra errada – como aconteceu há dias com Trump – pode conduzir a uma reação desproporcionada desencadeadora de retaliações em cadeia cada vez mais perigosas. A humanidade é constituída por indivíduos, incluindo os seus líderes, com um quadro de comportamentos razoavelmente adequados aos problemas com que se defrontam há milhares de anos. Mas a civilização é uma fina camada de verniz com poucos séculos.

A mente humana está mal apetrechada para lidar com situações de múltiplas variáveis em que a margem de reação adequada se mede em segundos. Por outro lado, os tentaculares sistemas cibernéticos e as plataformas digitais autónomas dispensam frequentemente a intervenção humana em situações de risco extremo ou de ameaça existencial. Tudo isso para nos proteger, dizem-nos. Mas quem nos vai proteger dos nossos protetores? ■